

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR INT.: F. AZEVEDO BRANDÃO - 26.1.79 - SEMANÁRIO - ANO 47. N.º 2442 - PREÇO 6800

Turismo e ambiente

Ainda a estação de tratamento de águas...

O artigo que publicamos no número anterior sobre o problema da necessidade urgente de uma estação de tratamento das águas dos rios que desaguam na Lagoa de Paramos, suscitou certos reparos de alguns leitores, chamando a nossa atenção para o facto da referida zona ser considerada, pelos serviços competentes, uma ZONA DE RESERVA NATURAL e por isso mesmo, defendida de qualquer intromissão que altere as suas condições ambientais.

Quando a semana passada nos referimos a este problema e pusémos a nossa tónica num futuro complexo turístico a instalar naquela zona, já sabíamos que a zona limítrofe da Lagoa de Paramos era uma região de reserva natural, assinalada em mapas ecológicos de Portugal Continental.

Ora, este facto, quanto a nós, não pode, nem deve ser obstáculo intransponível para o futuro desenvolvimento económico, social e turístico desta zona privilegiada pela natureza.

O que se deve fazer, de antemão, é um estudo racional, por arquitectos paisagistas e técnicos do ambiente, de modo a enquadrar as infraestruturas turísticas, nesta zona de reserva natural, de modo a preservar as condições ecológi-

cas nativas e se, possível, torná-las mais funcionais.

Neste assunto somos da mesma opinião do presidente da Câmara de Faro que, numa entrevista ao «Diário de Notícias» e respeitante à sua cidade, afirmou a certa altura: «Faro vê a sua expansão limitada pela reserva natural da ria, a Sul... mas, em meu entender, para poupar as terras de campina, a única situação viável será urbanizar as zonas menos ricas, avançando para as zonas de reserva da ria que, em nada vai ficar prejudicada».

Julgamos também no que se refere à zona da Lagoa de Paramos, que nada ficará prejudicado, se antes de efectivarem qualquer iniciativa urbanística, se proceda aos competentes estudos que acima aludimos, precedidos sempre da instalação de uma estação de tratamento de águas dos rios da Lagoa, empreendimento prioritário para qualquer aproveitamento da referida zona, mesmo apenas como reserva natural.

Assim como se encontra presentemente, a reserva natural, poluída e conspurcada é, como dissemos no artigo anterior, apenas um pântano de águas estagnadas, podres, insalubres, autêntico centro de mosquitos e doenças.

F. Azevedo Brandão

NÓTULA

ESTA SEMANA
NÃO HÁ CARNE!

• OS COMERCIANTES alegam prejuízo na comercialização!

Neste país a saque, onde ser-se honesto começa a destoar, tal é a exploração consentida que se verifica a todos os níveis de comercialização de géneros alimentícios, o que se está a passar com o comércio de carnes é, pelo menos, escandaloso. Desde a traficância clandestina descarada que se processa com a Espanha, à venda ilegal de carne sem inspecção sanitária em qualquer mercearia ou tenda de feira, tudo é permitido. Então os circuitos de intermediários é de bradar aos céus.

Os fiscais das Actividades Económicas são em número igual há 20 anos atrás e desempenham funções de fiscalização em unidades fabris, mercados e estabelecimentos, indistintamente, não podendo desempenhar a sua actividade como seria de desejar.

Queixam-se os produtores e queixam-se os comerciantes. Os intermediários nem piam porque lhes convém a situação. A Junta Nacional dos Produtores Pecuários continua, a exemplo de outros departamentos responsáveis, a ser um caso de impotente actividade protectora do tão enaltecido, e lixado, povo.

Os comerciantes de Espinho alegam que perdem dinheiro actualmente na venda de carnes verdes. Por isso resolveram não fazerem abate uma semana. Pese embora as consequências daí resultantes...

J. J.

HOJE PODE LER

- ★ NOTÍCIAS DA CIDADE (pág. 3)
- ★ ENTREVISTA COM MALHEIRO (pág. 5)
- ★ DESPORTO (págs. 5 e 6)
- ★ ENCONTRO (últ. pág.)

Um olhar sobre antigos acontecimentos

Documentos esclarecedores do PADRE AMARAL

Meus amigos:

Hoje limito-me a transcrever os documentos que aqui tenho sobre a minha mesa de trabalho os quais lhes remeto inclusos para arquivarem nessa redacção e mostrarem a quem pretenda verificar a sua autenticidade. Amaral, requereu à administração da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, que para fins que lhe interessavam, precisava que lhe atestassem qual o seu comportamento moral e civil. O despacho foi o que vai ler-se: Miguel Augusto César da Mota, administrador do Concelho de Castelo de Paiva, por Sua Magestade Fidelíssima que Deus guarde, etc., — Atesto, por me ser pedido verbalmente que, o reverendo, Joaquim Teixeira da Silva Amaral, pároco encomendado da freguesia de Sobrado deste concelho, tem tido e tem exemplar procedimento moral e civil. Por verdade mandei passar este documento que assino. — Administração do concelho de Paiva, 7 de Julho de 1895. O administrador, Miguel Augusto César da Mota. (Segue-se o reconhecimento da assinatura).

«Nós abaixo assinados, presidente, vice-presidente e vereadores da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, atestamos que o suplicante da petição retro, Joaquim Teixeira da Silva Amaral, pároco encomendado da freguesia de Santa Maria de Sobrado deste concelho de Castelo de Paiva, tem tido e tem bom comportamento moral e civil. Por ser verdade mandamos passar o presente que vamos assinar. Municipalidade de Paiva, 23 de Março, 1895. Joaquim Maurício da Fonseca,

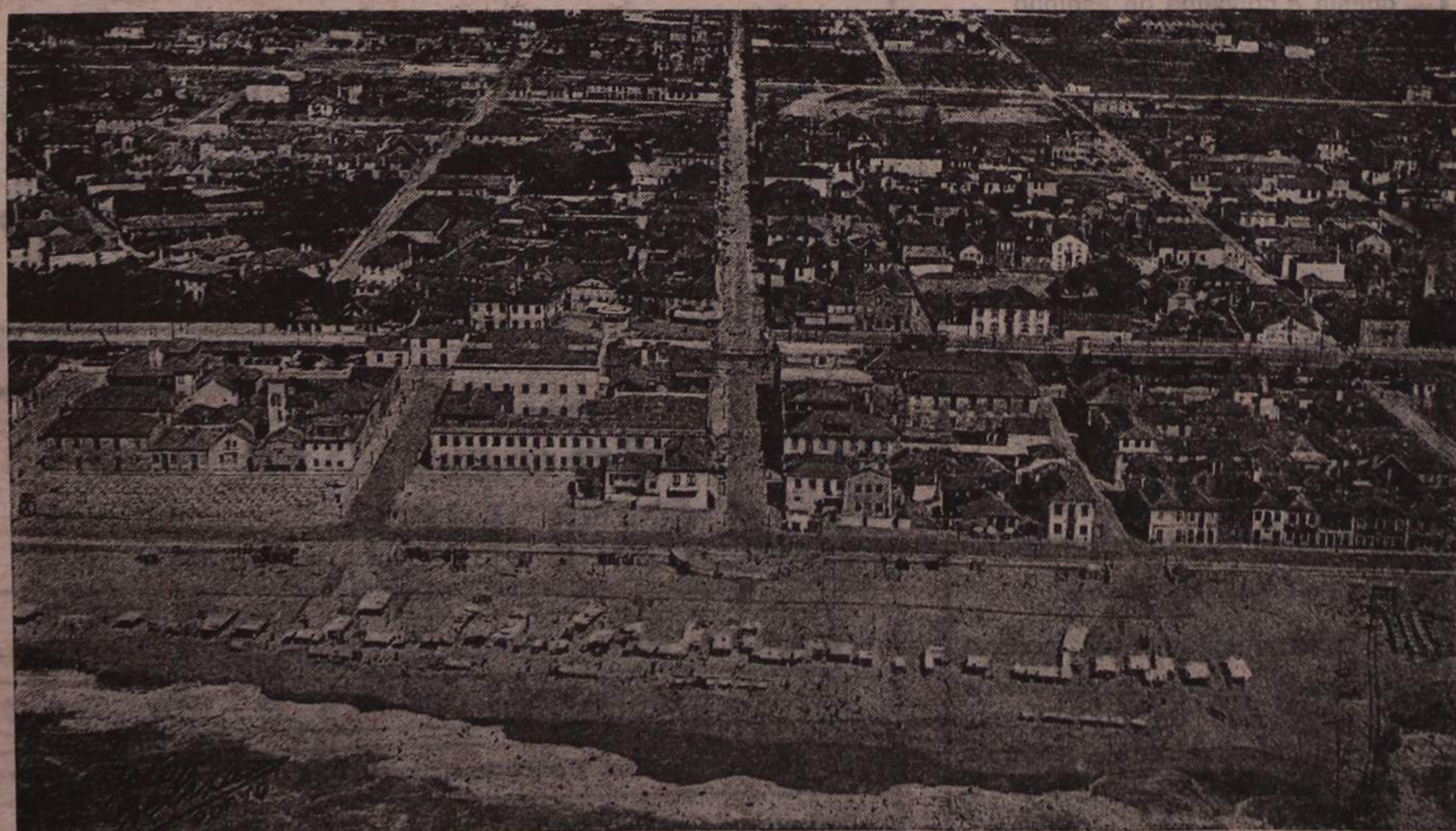
Manuel Duarte Faria e Francisco da Silva Moreira. (Segue-se o reconhecimento das assinaturas). Em 1897, fez a essas entidades iguais requerimentos e os despachos foram os que se seguem:

Em virtude do documento retro e das atribuições que me conferem as leis atesto em que o abade desta freguesia, reverendo Joaquim Teixeira da Silva Amaral, tem bom comportamento moral e civil. E por ser verdade passo o presentes que assino. Administração do concelho de Castelo de Paiva 5 de Outubro de 1897. O administrador, Paulo Amado de Melo da Cunha Vasconcelos. — Atestado da Câmara Municipal. — «Nós abaixo assinados, presidente e vereadores da Câmara Municipal do concelho de Castelo de Paiva, atestamos por nos ser pedido verbalmente que, o reverendo, Joaquim Teixeira da Silva Amaral, pároco encomendado da freguesia de Sobrado deste Concelho, tem bom comportamento moral e civil. Por verdade mandamos passar o presente pelo secretário desta Comarca.

Municipalidade de Castelo de Paiva, 2 de Outubro de 1897. E eu Manuel de Carvalho Moreira, secretário da Câmara o escrevi. Seguem-se as assinaturas do presidente, Nicolau Pereira Pinto de Sousa, vice-presidente Manuel Correia da Rocha; vereadores, Augusto de Sá Vieira e Seabra, José da Silva Amorim e Manuel Moreira da Fonseca.

Em Janeiro de 1901, 2 meses antes de se retirar de Paiva, fez

(Continua na pág. 2)



ESPINHO ANTIGO

Nesta fotografia aérea tirada em 1939, pode apreciar-se o que Espinho era há 40 anos. A sua então lindíssima esplanada e praia de banhos, a falta do Parque João de Deus, e muitos quarteirões centrais ainda sem construções, hoje do conhecimento dos nossos leitores, são os factos mais curiosos deste documento fotográfico.

A SOCIEDADE FIGUEIRA - PRAIA

alarga o seu campo de actividade

A Sociedade Figueira - Praia, proprietária do Grande Casino Peninsular, do Grande Hotel da Figueira, da Estalagem e Restaurante Nicola, do Hotel Internacional, recentemente reaberto após importantes obras de remodelação, e do vastíssimo parque Sotomaior, onde projecta a realização de grandes melhoramentos de carácter turístico, está em vias de aumentar o seu já valioso património.

Segundo informações que conseguimos obter em boa fonte, decorrem neste momento negociações que se espera cheguem a bom termo dentro de breves dias, para a compra, por aquela Sociedade, do património da firma Hotéis Augusto Silva, que compreende, além do Hotel da Praia, a Piscina-Praia e a sua Estalagem, também o Hotel Martinho, conjunto de realizações que a Figueira ficou devendo ao dinamismo e inteligência do grande industrial de hotelaria Augusto Silva, a quem a idade e a precária saúde não permitem hoje a actividade que o levou a erguer uma obra que o impõe e honra a Figueira.

A operação é de grande envergadura, pois compreende valores da ordem dos 100 000 contos, aventando-se a hipótese da compra facilitada a longo prazo ou o arrendamento, que parece ser a mais provável.

Tudo depende das negociações que estão decorrendo e que se

espera estejam concluídas dentro da próxima semana.

PARA BREVE A CONSTRUÇÃO DA TORRE DE APARTAMENTOS

Com 18 pisos, será o edifício mais alto da Figueira

A Sociedade Figueira - Praia, que encerrou temporariamente o Grande Hotel da Figueira para nele realizar grandes obras de beneficiação e modernização que permitam que ele mantenha a actual categoria de quatro Estrelas, pensa dar início muito brevemente, possivelmente já no próximo mês de Março, à obra de construção da torre de apartamentos, ao lado do Grande Hotel e como ele virada para o mar.

Segundo sabemos, com a influência do Conselho Superior de Jogos e a receptividade do Ministério competente, o projecto deve merecer breve aprovação, contando-se poder abrir concurso dentro de um mês para adjudicação da respectiva empreitada de construção.

A Sociedade Figueira - Praia adquiriu já grande quantidade de materiais destinados à construção e apetrechamento do novo imóvel.

A torre, com os seus 18 andares, ficará sendo o edifício mais alto da Figueira e o seu custo rondará os 100 000 contos.

In jornal «O Figueirense»

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Dezembro de 1978, lavrada de folhas 44 verso a 46 do livro de notas para escrituras diversas F-Número um, deste cartório notarial de Espinho, JOSÉ ANTÓNIO DA CUNHA dividiu a sua quota de 35 000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «MANIPULADORA DE PAPEL — MANIPULADORA DE PAPEL — LIMITADA», com sede e estabelecimento no lugar da Marinha, freguesia de Silvalde, deste concelho, em duas de 17 000\$00 cada uma, e cedeu uma a cada um dos seus consócios JOAQUIM ANTÓNIO RAMOS ALVES DE SOUSA e ANTÓNIO RODRIGUES, desligando-se da sociedade e renunciando, em consequência, às suas funções de gerente.

E que, os ditos Joaquim António Ramos Alves de Sousa e António Rodrigues, unificando cada uma das suas quotas numa só, do valor nominal de 52 500\$00 pela mesma escritura, foi alterado o artigo quarto e aditado o parágrafo terceiro ao artigo sexto do pacto social que rege a dita sociedade, aos quais é dada a seguinte nova redacção:

Artigo quarto — O capital social é de 105 000\$00, está todo realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas iguais de 52 500\$00 cada uma pertencentes uma a cada um dos sócios Joaquim António Ramos Alves de Sousa e António Rodrigues.

Artigo sexto — Parágrafo terceiro — É permitida a todos os sócios ceder aos seus descendentes parte da quota ou mesmo a totalidade da mesma, ficando desde já autorizada a divisão da mesma.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 23 de Dezembro de 1978.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 26 de Dezembro de 1978, lavrada de folhas 67 verso a 68 do livro de notas para escrituras diversas E-Número 13, deste cartório notarial de Espinho, foi alterado o artigo primeiro do pacto social que rege a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «MARTINS & VIEIRA, LIMITADA», com sede na Rua Oito, número 1.035, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, ao qual é dada a seguinte nova redacção:

Artigo primeiro — A sociedade adopta a firma de «MARTINS & GOMES, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Oito, número 1.035, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho.

Está conforme ao original. Espinho e cartório notarial, 27 de Dezembro de 1978.

O Ajudante do Cartório.
(José dos Santos SII)

QUARTO ALUGA-SE

Para casal ou pessoa só.

Informa Rua 33 n.º 772-3.º

ou pelo telef. 922859.

VENDEM-SE

Três apartamentos com 4 quartos, cozinha, 2 quartos de banho, sala de jantar, sala comum e quintal, estando presentemente alugados.

Telefonar para 922424.

Um olhar sobre antigos acontecimentos

(Continuação da pág. 1)

o abade Amaral os mesmos requerimentos ao Administrador do concelho, Câmara Municipal. Vejam os despachos: Doutor Joaquim Moreira da Fonseca, administrador inerte do concelho, de Castelo de Paiva. — Atesto por me ser requerido verbalmente que, o reverendo Amaral, pároco da freguesia de Sobrado, deste concelho, tem tido e continua a ter bom comportamento moral e civil. Por ser verdade mandei passar o presente que assino. — Administração do Concelho de Paiva, 14 de Janeiro de 1901. (Segue-se o reconhecimento). «Atestado da Câmara» Nós abaixo assinados presidente e vereadores da Câmara Municipal do Concelho de Castelo de Paiva, atestamos que o cupulicante da petição retro, Joaquim Teixeira da Silva Amaral, pároco encomendado da freguesia de Sobrado, deste concelho de Castelo de Paiva, tem bom comportamento moral e civil. Por verdade mandei passar pelo secretário desta Câmara, o presente atestado que vamos assinar: Municipalidade de Castelo de Paiva, 17 de Janeiro de 1901. E eu, Manuel de Carvalho Moreira, secretário da Câmara o escrevi. (Assinados) —

Bernardo Moreira Aranha, Francisco de Mendonça, Francisco de Moreira e Bernardo Gomes da Silva. (Segue-se o reconhecimento). Chamo a atenção dos leitores para o facto de estes documentos, criticos, serem assinados por terceiros respeitabilíssimos, sim, na sua quasi totalidade, políticos do padre Amaral, e hoje formulo apenas esta pergunta: — Se o padre Amaral tivesse em Paiva, mau comportamento, ser-lhe-fam passados documentos, autenticos atestados de civismo? Ninguém o duvida certo. Logo, fácil é concluir que o padre Amaral, vem sendo uma acitosa e infame perseguição. Qual a sua origem? Na carta seguinte o direi.

Velho amigo dedicado.
Padre Lima.

Nota: Para os espinhenses viveram o prolongado tempo que o padre Amaral foi o nosso chefe espiritual e bem assim para aqueles que o não conheceram, mas que ouviam falar, este depoimento do padre Lima, vareiro ligitimo, tem um valor inestimável para todos.

LEIA E ASSINE "DE"

ATENÇÃO!!!

LER O COMUNICADO

JOSÉ CARLOS MARQUES, Ex-Sócio-Gerente da «Turispraia Empresa de Transportes, Lda.» (Transportes urbanos da cidade de Espinho), deixando a sociedade dos transportes, informa os seus estimados amigos e clientes que:

Presentemente e como anteriormente, continua a ser o Gerente da:

Praia do Sol-Viagens

Rua 19, n.º 343-1.º — ESPINHO — Telef. (novo n.º dentro de dias)

Organizando sempre excursões semanais para Espanha (Vigo, Tuy) e outros locais de interesse turístico.

TRATANDO AINDA DE:

- Aluguer de autocarros de luxo para grupos (colégios, liceus, escolas, fábricas).
- Programação de viagens e férias.
- Reserva de hotéis (Portugal e Estrangeiro)
- Salvo Condutos para excursões de grupos.
- Passaportes e vistos consulares.
- Venda de Bilhetes de Avião, Caminho de Ferro, Navio.
- Seguros e viagens.

Consulte-nos na Rua 19, N.º 343-1.º • ESPINHO

Uma casa especializada em fios de tricot e industriais

Boa Lá

Rua 14 n.º 647 ★ Telefone 922191

(entre as Ruas 21 e 23)

DESCONTOS ESPECIAIS PARA TRICOTADEIRAS

DE defesa do ESPINHO

SEMANARIO

FUNDADOR:

BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE: 922191

Comp./impresso na Coopertipo, scari/R. José Falcão, 122 / Porto

Redactores: F. Azevedo Brandão e João Quinta.
TIRAGEM MEDIA 2 200 EXEMPLARES

Dr. Francisco Manuel Andrade
MÉDICO ESPECIALISTA
Psiquiatra — Psicoterapia —
— Grupanalise
Consultório:
Rua Arquitecto Marques da
Silva, 42-1.º
Telefones 691574 e 930800
PORTO

ÓPTICA PIRES

Completo sortido de armações modernas — óculos de sol — sempre os últimos modelos. — Aviamos receitas da Caixa de Previdência
Rua 14 n.º 257 — ESPINHO
Telef. 920296

CASINO DE ESPINHO



★ MÚSICA DE BAILE

Pelos famosos Conjuntos

HAB TAT
THE FOUR KING'S
SAMBA 4

★ RESTAURANTE - BOITE

ESMERADO SERVIÇO
SEGUIDO DE BAILE E VARIEDADES

★ VARIEDADES

— JUNE BALLET SHOW - Ballet Irlandês
— PUERTO RICO - Acrobacias Italianas
— ROSA MARIA - Cançonetista Portuguesa



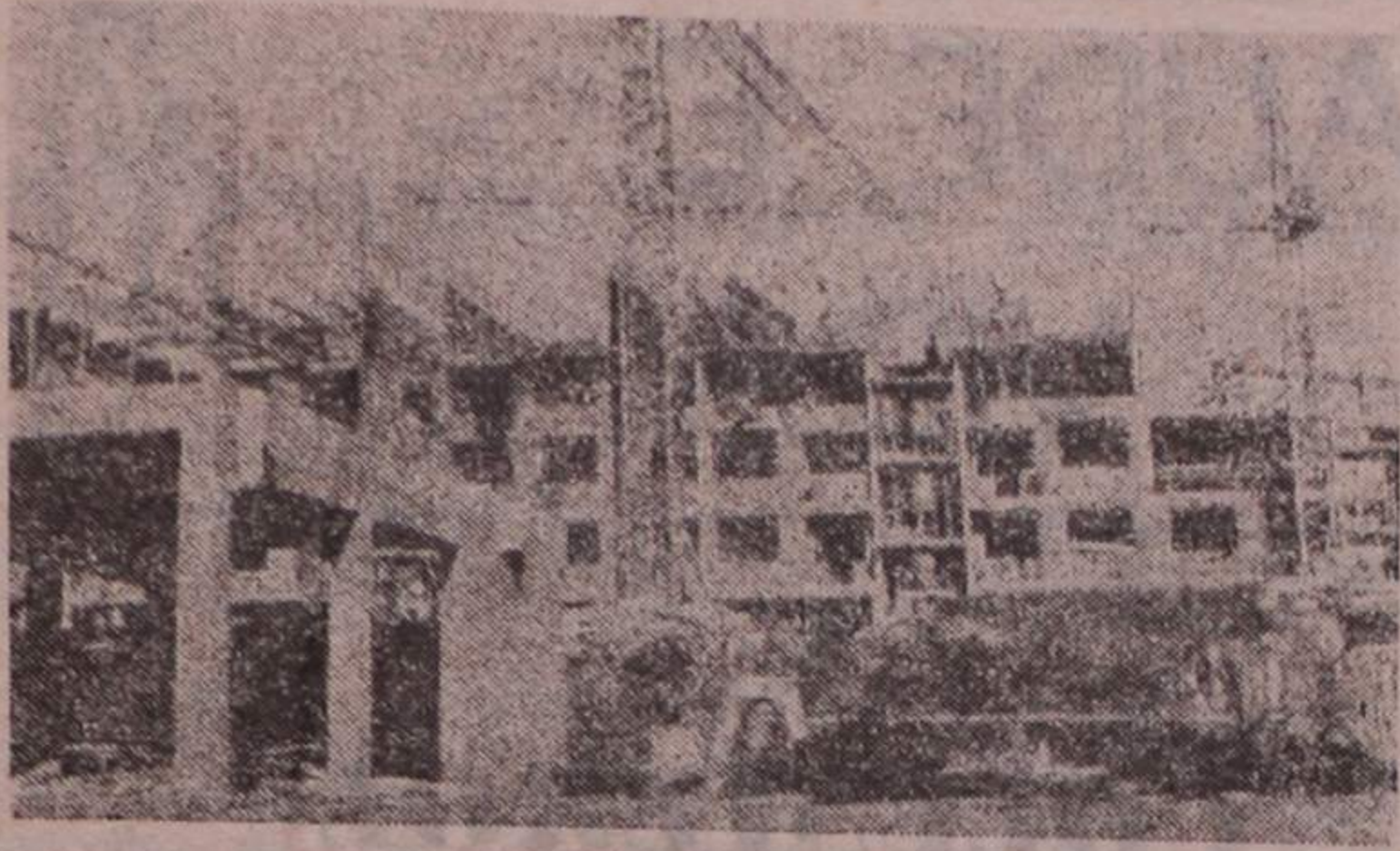
jantares
concerto

slot machines

cine teatro

ONDE O NORTE SE DIVERTE • Tel - 920238





A CIDADE



SESSÃO DA CÂMARA

Com a presença de todos os membros reuniu na última sexta-feira o executivo camarário.

— A Câmara tomou conhecimento do Plano de Actividades da Junta de Freguesia de Guetim.

Deliberou ainda:

— Incluir no próximo orçamento suplementar uma rubrica para que se proceda à recolha de lixos domésticos nas freguesias do concelho.

— Diligenciar junto da CP e do Ministério dos Transportes e Comunicações para que seja retirado o estaleiro de toros de madeira que está junto ao matadouro, na avenida do golfe.

— Ratificar o embargo de construções clandestinas que Manuel de Almeida Couto está a construir na rua 29 e Augusto de Sá Pereira na rua da Aldeia Nova, Silvalde.

— Alterar o trânsito junto ao Casino por conveniência das obras em curso com o parque subterrâneo, e chamar a atenção da empresa construtora para o estado lastimoso em que se encontra os pavimentos das ruas 4, 15, 17, 19 e 8.

CONSELHO MUNICIPAL

Nos termos do Regimento, o Conselho Municipal de Espinho leva a efeito, pelas 21,30 do próximo dia 29 de Janeiro, uma sessão extraordinária no edifício dos Paços do Concelho.

CENTRO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ESPINHO

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Senhores Sócios Contribuintes do Centro de Assistência Social de Espinho, a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 4 de Fevereiro (Domingo) pelas 10 horas no Gabinete deste Centro, sito à Rua 25 N.º 883, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição e posse dos Corpos Gerentes para o triénio de 1979/1981.

No caso de não comparecer, na hora marcada, número legal de Sócios, funcionará a mesma, uma hora depois, com qualquer número.

Espinho, 17 de Janeiro de 1979.

O Presidente da Assembleia Geral,

Arq.º Sérgio Gonçalves

NECROLOGIA

MÁRIO ALVES DOS SANTOS ROCHA

Nesta cidade, faleceu no dia 17, Mário Alves dos Santos Rocha, de 72 anos, casado com Adelaide Gonçalves Ferreira.

ADELINA RODRIGUES DE OLIVEIRA

Em Anta, no Souto, faleceu no dia 19, Adelina Rodrigues de Oliveira, de 47 anos, viúva de Joaquim A. D. Ferreira de Sá.

AURORA DA CONCEIÇÃO SANTOS FERNANDES

Nesta cidade, faleceu no dia 20, Aurora da Conceição Santos Fernandes, de 77 anos, viúva de Agostinho R. Fernandes.

MARIA ALVES PEREIRA

No Barreiro — Silvalde, faleceu no dia 22, Maria Alves Pereira, de 96 anos, viúva de Luís Gomes de Oliveira.

LAURINDA ALVES ROCHA

Em Silvaldinho — Silvalde, faleceu no dia 21, Laurinda Alves da Rocha, de 58 anos, solteira.

AVENIDA ESPINHO - GRANJA

No «Diário da República» n.º 7 de 9 do corrente — II Série — vem a declaração de utilidade pública dos prédios a expropriar para a construção da ligação Espinho — Granja.

No entanto tem prosseguido, por parte da Câmara de Gaia, as diligências de resolução amigável com os proprietários para que a obra se inicie de imediato.

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO PROGRAMA DE FESTAS PARA 1978

Festival Internacional de Cinema Animado, 120 000\$00; Salão Nacional de Fotografia, 50 000\$00; Torneio Internacional de Andebol, 40 000\$00; Torneio Internacional de Voleibol, 40 000\$00; Torneio Internacional de Badminton, 7 000\$00; 1.ª Léguas de Espinho, 10 000\$00; Sarão de Ginástica, 40 000\$00; Volta a Portugal em Miniatura, Semana Gastronómica, 70 000\$00; Festas Populares do Concelho, 150 000\$00; Dia do Campista, 40 000\$00; Outras Actividades Desportivas, 40 000\$00; Taças e Prémios, 52 500\$00.

(As festas de N.º S.º de Ajuda não são consideradas nesta verba).

INVESTIFE

Investimentos Imobiliários e Financeiros, S. A. R. L.

Rua 15, N.º 225 — ESPINHO

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos da Lei e os Estatutos, convocam-se os Srs. Accionistas para se reunirem no próximo dia 3 de Março, pelas 15 horas, na sede social, em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1978;
- 2.º — Tratar de outros assuntos de interesse para a empresa.

Espinho, 19 de Janeiro de 1979.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Soares de Amorim

Café Maçarico Paramos

Entrega-se à exploração c/ todo o recheio.

Contactar através do Apartado 184 — Espinho.

41.º Aniversário da Associação Académica de Espinho

Completo na passada Segunda-feira dia 22, 41 anos de existência, a colectividade n.º 2 da nossa cidade — a Associação Académica de Espinho.

Virada sempre para o desporto e a cultura, a colectividade academista, foi longos anos considerada uma agremiação «pró-estudantil», o que no entanto, não a deixam de estar hoje no seu devido lugar, que é o de servir irremediavelmente o desporto e a juventude espinhense, como o provam as 10 modalidades praticadas, que englobam mais de 600 jovens, a mostrarem que o ecletismo dentro da AAE é um facto e uma realidade.

De parabéns o desporto espinhense; pois a AAE tem e merece muitos anos de existência.

Clube Académico de Espinho

ASSEMBLEIA GERAL

Ao abrigo do § 1.º, Art. 7.º dos Estatutos do Clube, convidam-se os Senhores Associados, para a Assembleia Geral a realizar no próximo dia 2 de Fevereiro de 1979, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º — Leitura da Acta da Assembleia Geral Anterior.
- 2.º — Apresentação por parte da Direcção em exercício, do relatório e contas da actividade desenvolvida durante o mandato 1977-1978.
- 3.º — Eleição dos Corpos Gerentes: Direcção, Assembleia Geral e Conselho Fiscal para o ano de 1979.
- 4.º — Meia hora para discussão de qualquer assunto de interesse para o Clube.

Se à hora marcada não estiverem presentes a maioria dos associados em pleno gozo dos seus direitos, a Assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número de associados presentes.

O Presidente da Assembleia Geral

Avelino Pereira Mendes

QUADRILHA PARA CUSTÓIAS

— Novamente a contas com a justiça 3 cadastrados

Na noite de 22 foram detidos pela PSP de Espinho António da Rocha Vieira, de 19 anos, e José Manuel Pereira Bastos, «o Manel Padeiro» de 25 anos, de Silvalde, ambos desempregados, contra quem caíam fortes suspeitas de terem roubado, por meios violentos, um fio de ouro no valor de cerca de 20 contos, a Maria Ferreira da Silva, de 57 anos, casada, de Nogueira da Regedoura. Para isso, atraíram a vítima para as traseiras do Matadouro, que é local ermo, onde cometeram a vil proeza, sem que alguém os incomodasse.

O mesmo Vieira, juntamente com o irmão do «Manel Padeiro» Carlos Alberto, de 23 anos, desempregado e José Manuel Rodrigues Maganinho, de 18 anos, residente no Bairro Piscatório (e ainda há

poucos meses condenado em 2 anos de prisão correcional, suspenso por 5 anos), na noite de 14 do corrente roubaram um automóvel e foram até Aveiro. Ai, na zona das salinas, despistaram-se e capotaram com o carro causando-lhe prejuízos avaliados em cerca de 30 contos. A cerca de 100 metros do local furtaram outro e vieram de volta. Só que a gasolina acabou perto da passagem de nível de Esgueira o que os forçou a roubar um terceiro. Nele vieram até Espinho onde o abandonaram.

Só o Vieira é que não tem cadastro. Isso não impediu que, presente com os outros 3 ao Juiz da Comarca de Espinho, fosse com eles remetido para Custóias onde vão aguardar julgamento.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

ÚLTIMO AVISO

Termina amanhã, Sábado, dia 27, o prazo para os cidadãos se recensearem.

A Comissão recenseadora estará na Câmara Municipal, das 14,30 às 17 horas.

OS EXTREMOS...

Segundo reza a história, e pelo que tenho observado nas minhas «numerosas» viagens «turísticas» através do «ecran» do televisor, os grandes senhores de antanho, possuíam em elevado grau, o culto do grandioso e do sumptuoso. Assim, na Roma eterna, dos céares e dos papas, na Veneza, dos doges, dos canais e das gôndolas, na Atenas pagã dos deuses e dos ídolos, na Viena, dos imperadores autocratas e da divina música, na Paris, capital do espírito e da luxúria, na Moscúvia, dos csares, símbolo das grandezas e das misérias, na Lonares, dos lordes e milordes, na prussiana e militarista Berum, na catónica e fanática Madrid, na Lisboa, das sete colinas, na Santa Jerusalém, do misticismo, do encontro e da contradição, na bisantina Constantinopla, romana e cristã, na Teerão, dos Xás e dos tecidos raros, etc., etc., se edificaram magníficos, Palácios, Templos, Castelos e Monumentos, onde ignorados artistas, deixaram esculpido, na pedra, na madeira e em diversos metais, o seu génio e o seu talento imortais, que são e continuarão a ser, no decorrer imutável dos tempos, o enlêvo para a vista e o deleite para a sensibilidade dos mortais. Porém, os apreciadores e admiradores destas maravilhas, nunca se terão apercebido, de quanta miséria, de quanto sofrimento e de quanta afronta foram vítimas os Povos desses impérios, que, vivendo em choupanas e casebres, onde tudo faltava, lhes era tirado ao magro caldo, o tributo e contributo, para manter a vida faustosa, de luxo e de prazer, das camadas dominantes, em Palácios das mil e uma noites...

Com o declínio da nobreza, decrépita e corrupta, com o advento, do que se designou a

era-industrial-burguesa e, ainda, com o desabrochar vertiginoso do progresso no Novo-Mundo, outro conceito do grandioso, surgiu: Descomunais monstros de aço e de cimento, que cognominaram de arranha-céus, se elevaram da terra, como cogumelos em campo fértil.

O homem, essa eterna vítima do «económico», passou a viver nesses «monstros», como bicho na toca. Ali tem habitação, emprego, médico, farmácia, hospital, cinema, restaurante, enfim; estabelecimentos, onde tudo se vende e tudo se compra, mas, onde tudo é artificial; o ar, a luz, o calor, etc.

Contrastando, com estas aberrações, anti-naturais e anti-humanas, também na nossa cidade, uma aberração está bem patente: O fracó pelo pequeno pelo mediano, pelo «abacarracado».

Não existe só a barraca de Espinho-Praia, não senhor, há mais. Temos a barraca-bar na esplanada, as barraquinhas do novo infantário, as barracas fortaleza, «Pinto de Magalhães», os barracões do liceu, as barracas a implantar no mercado diário, as barracas a construir dentro do arvoredado da feira, para o Tribunal, e, quando lá para os fins do século XXI, os serviços administrativos da Câmara não se acomodarem já, nas actuais instalações, terão as gerações vindouras, o gosto e o prazer de disfrutarem, nas traseiras do Edifício Municipal, de estilo à antiga-portuguesa, o belo e folclórico espectáculo, dum dúzia de barraquinhas, onde se alojarão os novos serviços e funcionários municipais.

Será devido a este «fracó», que não se faz a cobertura completa do mercado diário e não se constrói um edifício-gêmeo ao

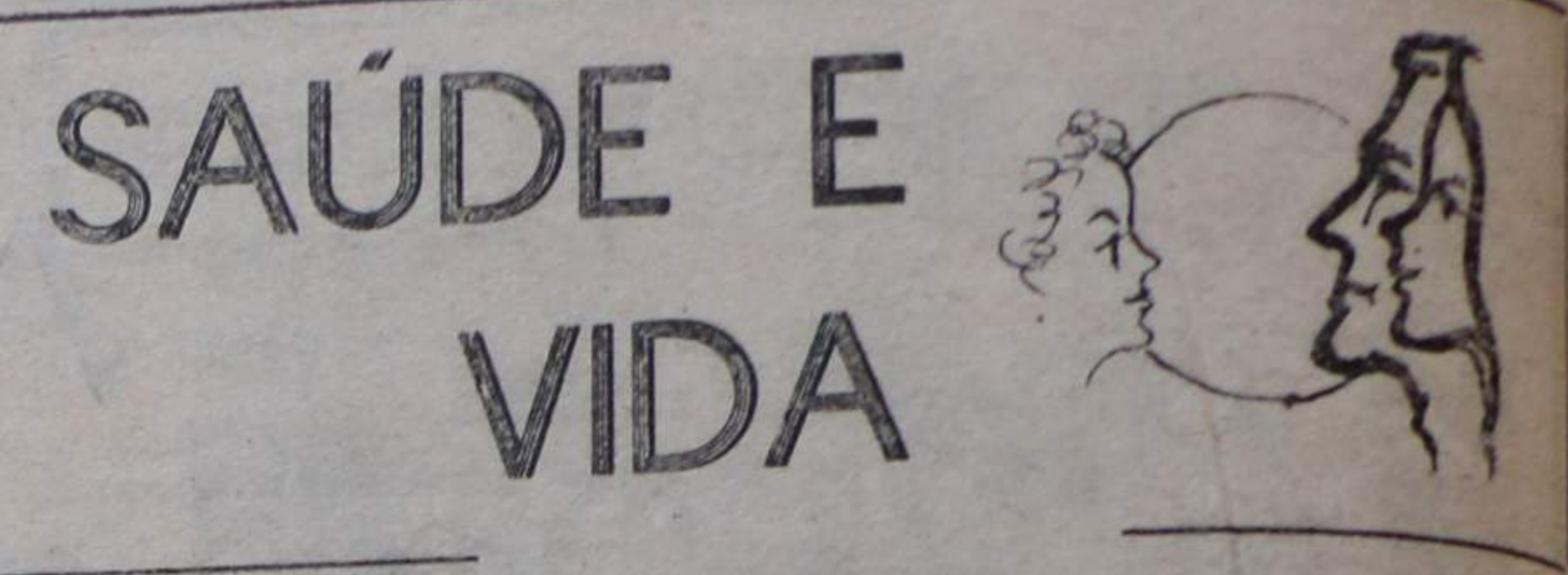
dos Paços do Goncelho com frente para a rua 15, para as instalações do Tribunal, serviços judiciais e outros? Ou será pela nostalgia do desaparecimento das barracas dos banheiros, da parte central da cidade?

Se se atentar, de que mais de 5% das construções na cidade, são dum só pavimento (R/C), de que mais de 35%, são de dois pavimentos (R/C e 1.º andar), de que mais de 45%, são de três pavimentos, (R/C e 2.º andar) e que, portanto, menos de 15% têm mais de quatro pavimentos, conclui-se de que Espinho, não passa afinal dum aglomerado de edificações «abarracadas», passe o termo, e a prova está, na fraca densidade populacional existente num agregado urbano, com cerca de trezentos mil metros quadrados.

(Diz-se que esta situação se deve ao facto do urbanista responsável, sofrer de vertigens nas alturas. Será?

Considerando o preço dos terrenos para construções e a carência de habitações existente, parece que sem grandes prejuízos de recepção de ar e sol nas habitações, tendo em conta o traçado rectilíneo dos arruamentos e a sua extensão (largura) tudo aconselha que as futuras construções, se situassem entre quatro e dez andares, o que obrigaria a instalação de elevadores, comodidade, actualmente indispensável e, de se acabar de vez com as gaiolas inestéticas dos andares recuados e com as montanhas «russas» nas construções de gaveto.

Com a alteração do sistema actual e, seguindo os moldes preconizados, todos ficariam a lucrar, os proprietários, os construtores e sobretudo, a população, que a curto prazo, teria o



SAÚDE E VIDA

COLESTEROL

— ARTEROSCLEROSE

Quando o homem e a mulher atingem a meia idade podem ser atacados por uma enfermidade que lhes torna a vida mais curta se não tomarem medidas preventivas. Essa enfermidade, que ataca as artérias, endurecendo-as, fazendo-as perder a sua elasticidade, chama-se arterosclerose. O endurecimento é provocado pelo colesterol, substância que se deposita nas paredes das artérias quando a alimentação do indivíduo não é equilibrada.

Os alimentos que mais colesterol têm são os de origem animal.

Sendo assim, a arterosclerose pode ser combatida se os alimentos forem pobres em colesterol e ricos em Biotina, Colina e Inositol, substâncias que se encontram, especialmente, na levedura de cerveja, fonte importantíssima de vitaminas B6 e B12. Outra fonte destas vitaminas são os cereais integrais.

Os alimentos mais ricos em colesterol, e que devem ser evitados, são os miolos, fígados, rins, baços de vaca, vitela, carneiro, cabrito, e a gema de ovo de galinha.

problema da habitação resolvido e Espinho, passaria de facto, a ser uma cidade com letra maiúscula.

«Quem te manda sapateiro... dirão os «entendidos»... mas a

verdade, é que há sapateiros que tocam rabeção e as opiniões de todos pertencem.

A. O.

Através da Imprensa

COMÉRCIO DE CARNE

— É o negociante de gado quem impõem os preços!

É um facto comprovado pelos próprios comerciantes que o público está a comprar menos carne. «Não lhe chega», como um nos disse. Com a diminuição do poder de compra a carne está a tornar-se um artigo de luxo, só ao alcance das bolsas endinheiradas.

Sendo um artigo de preço tabelado, esses preços não são cumpridos na prática, só existem no papel. Mais do que os governos, quem impõe o preço da carne no nosso país são os negociantes de gado, que têm o talhante na mão. São eles, na verdade, quem põem e dispõem e quem lhes sofre mais as consequências são os produtores e os consumidores. Por vezes, o gado entre o circuito do lavrador e o do talho passa por quatro intermediários — o «cancro» do sistema.

Por mais legislação publicada, o intermediário não desaparecerá por meio de decreto. Terão de ser os lavradores, organizando-se, através de cooperativas, os comerciantes de gado, seguindo-lhes o exemplo, quem acabarão por eliminar o intermediário do circuito de comercialização.

Tanto quanto sabemos, raro é o comerciante que vai à feira comprar gado para abate. Ele espera

que seja o negociante a fazê-lo, ficando, por isso, na sua dependência. Ora, a Associação de Comerciantes de Carnes do Porto, como consumidor colectivo, poderia, caso estivesse diposta a isso, combater o intermediário fazendo ela própria a aquisição de gado para os seus associados. Com esta forma de actuação não só os talhantes beneficiaram como o próprio produtor e consumidor, pela eliminação do lucro do intermediário, que não é tão pouco como isso.

Enquanto todo nós, lavrador, comerciante e consumidor estivermos nas mãos dessa cãfila de intermediários, a situação não co-nhecerá a normalidade.

Taxas de abate deverão ser pagas

Há talhantes que sustentam que a JNPP deve intervir, em todo o país desde a aquisição do gado, passando pelo seu abate até à entrega da carne nos talhos. Só assim, segundo esses, haveria disciplina no sector. A falta de estruturas daquele organismo tem sido apresentada, porém, como argumento para essa total intervenção no sector.

Uma coisa parece certa: os comerciantes estão a ser vítimas deles próprios.

FÁBRICA PROGRESSO

MANUEL FRANCISCO DA SILVA & C., LDA.

ESMALTAGEM — ALUMÍNIO — FUNDIÇÃO

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL

LOUÇAS ESMALTADAS E DE ALUMÍNIO — FOGÕES A GÁS

BANHEIRAS ESMALTADAS — PLACAS ESMALTADAS

COFRES — FERROS DE ENGOMAR

EXPORTAÇÃO PARA O ULTRAMAR

Telegramas: FÁBRICA PROGRESSO

Telefones: P.P.C. 922150-922175 — ESPINHO

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O.M.

DOENÇAS DOS OLHOS.

ORTÓPTICA.

RUA 16 N.º 250-1.º-ESQ.

TELEF. 922470 — ESPINHO

Dr. Jaime Magalhães

MÉDICO ESPECIALISTA

Ouvidos, nariz e garganta.

Consultas c/ hora marcadas às 4.ª e 6.ª feiras a partir das 16 horas

Rua 19 n.º 364 — 1.º — Esq.º

Telefone 921218.

“PNEUS CAR” Telef. 923266

CENTRO DE VENDA DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

- Alinhamento de Direcções
- Equilíbrio de Rodas
- Vulcanização de Câmaras

Rua 18 n.º 1010 (Rua da Igreja) — ESPINHO

DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS FERREIRA DE CAMPOS

Advogado

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922218

ESPINHO

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

ALMEIDA SANTOS

Advogado — Tel. 923314

CERQUEIRA FERNANDES

Solicitador — Tel. 923129

Avenida 24 n.º 74

(Ao Café Parque) ESPINHO

ORIENTAÇÃO: ★ PAULO MALHEIRO

DESPORTO

COLABORAM:

- ★ TIBÉRIO COELHO
- ★ JORGE PEREIRA
- ★ ANTÓNIO CANELAS

Entrevista com Malheiro

Por: PAULO MALHEIRO

«Quando soube que fui chamado à Selecção, fiquei muito orgulhoso, e logo na minha ida aos treinos procurei dar «o meu máximo», o que produziu os seus efeitos, pois alinharia no 1.º jogo, contra a R. F. Alemã...»

MALHEIRO é o futebolista junior do Sporting de Espinho, que nesta época de 78/79, mais a si tem chamado as atenções, não só pelo papel que tem desempenhado na equipa Júnior Campeã da I Divisão de Aveiro e vencedora da série B do Campeonato Nacional de Júniores (apurada para disputar a Fase Final!), como também pelas suas internacionalizações ao serviço da Selecção de Portugal, tendo uma carreira ao serviço dos «tigres», que ele mesmo começou por nos explicar:

M. — Apareci no SCE à cerca de 3 anos (época de 76/77), tendo já uns «bons» 16 anos. Não joguei oficialmente nessa época, devido ao facto de ter surgido já no final da mesma...

Foi um amigo, e jogador, que me convidou a treinar nos juvenis. perante as boas indicações na época seguinte ingressei na equipa Júnior (Campeã de Aveiro), ainda que tivesse idade para «rodar» nos juvenis.



QUEM, E COMO É ?

NOME: José Francisco MALHEIRO Ferreira da Silva
 DATA NAS.: 10/10/60 — 18 anos
 NATURAL e RESIDENTE: Esmoriz
 PROFISSÃO: Estudante (Ano propedeutico)
 MODALIDADE: Futebol — Equipa do SCE
 CATEGORIA: Júnior (2.ª e última vez)
 POSTO EM JOGO: Estremo-direito (n.º 9)
 INTERNACIONALIZAÇÕES: 2 e contra a R. F. Alemã.

D. E. — Quem foi o técnico, com que iniciaste a tua carreira ?

M. — Quando comecei a treinar o meu orientador foi o Capela. Quando iniciei a representação pela equipa Júnior, o responsável técnico pela referida equipa foi o João Félix, que foi incansável na preparação de toda a equipa.

D. E. — Terás pensado algum dia que pudesses a vir ter no Desporto, as atenções com que neste momento estás rodeado ?

M. — Não, nunca tinha «sonhado» com tal, porque comecei bas-

Continuação na pág. seguinte



FUTEBOL

NACIONAL DA II DIVISÃO

SP. Espinho, 5 — Chaves, 0

«GOLEADAS CONTINUAM»

Campo: Avenida.
 Espectadores: cerca de 4 000.
 Tempo: Céu encoberto e húmido.
 Árbitro: Américo Borges (Porto)

SCE: Gaspar; Mário, Pinto Ribeiro, Gonçalves I e Gomes; João Carlos, Manuel José (cap.) e Parra (Sobral aos 73 m.); Belinha, Reis e Canavaro (Gonçalves II aos 46 m.).
 Ao intervalo: 3-0.

Marcadores: Canavaro (aos 2 m.), Belinha (8 m.), M. José (33 m.), Reis (54 m.) e João Carlos (89 m.) pelo SCE.

Logo de início num livre marcado por M. José, Canavaro apareceu a cabecear a bola, e a «dizer» que tudo iria ser fácil, num golo de belo efeito, tendo o SCE chegado ao intervalo num tranquilizador 3-0. No segundo tempo a toada de jogo foi idêntica à da primeira parte, com os «Tigres» a pressionarem, e o adversário a defender-se como pôde, ainda que

sem o SCE deixasse de obter mais dois golos até final.

Salientaram-se: Mário, J. Carlos, M. José e Belinha.
 Impecável a arbitragem.

Classificação

	J	V	E	D	F	C	P
1.º S. ESPINHO	17	10	5	2	34	12	25
2.º Rio Ave	17	10	4	3	28	15	24
16.º Tadm	17	14	12	5	32	6	

Próximo jogo:

D. Aves — SCE (Domingo 15 h.)

NACIONAL DA I DIVISÃO (Júniores)

Sp. Espinho, 4 — U. Coimbra, 1
 SCE, CAMPEÃO DA SÉRIE B

SCE: Ricardo; Sarabando, Victor Manuel, Maia e Brito; Correia, Gaspar e Mascarenhas (Pedro); Malheiro, Moreira e Hermínio.

Ao intervalo: 1-0.

Golos pelo SCE: Correia, Moreira, Gaspar e V. Manuel.

Mais uma fácil vitória dos juniores «Tigres», desta feita contra o U. Coimbra (3.º classificado). Salientaram-se no SCE: Maia, Gaspar e Hermínio.

Para já o SCE é a primeira equipa das quatro séries a assegurar a sua passagem à fase final.

Próximo jogo:

Guarda — SCE (Domingo às 11 h.)



ANDEBOL DE SETE

NACIONAL DA I DIVISÃO NORTE

Gaia F. C., 16
 S. C. Espinho, 26

S. C. E.: Capela; Pinto, Alfredo, Canelas, Orlando, Mesquita, Madureira, Paulo, Godinho, Simões, Justiniano e Jorge.

Com este excelente resultado a equipa espinhense quase que garantiu o seu apuramento para a fase final do campeonato. Para tal, apenas lhe bastará somar por vitórias os jogos a realizar no seu recinto, excepto o jogo com a turma portista, que no presente disputa um campeonato quase à parte.

Relativamente ao jogo com a turma gaiense, muito cedo o S.C.E. se impôs, não permitindo ao adversário quaisquer veleidades.

Servirá fundamentalmente como exemplo para jogos futuros, pois anteriormente perderam-se pontos com equipas de nível muito semelhante à turma do Gaia ou até inferiores.

A turma espinhense no real valor que realmente possui, tem futuramente poucas preocupações. Terá que garantir o seu apuramento.

Classificação

	J	V	E	D	P
1.º F. C. Porto	17	17	—	—	51
2.º F. C. Maia	17	13	1	3	44
3.º SP. ESPINHO	17	11	1	5	40

Próximo jogo:

S.C.E. — F. C. Porto
 Amanhã às 21,30 horas

Regional de Júniores

SCE, 24 — Coimbrões, 17
 Académico, 30 — SCE, 12
 Salgueiros, 12 — SCE, 10

Regional de Juvenis

SCE, 26 — Vilanovense, 4
 SCE, 22 — C. Carvalhos, 24

Torneio Feminino

Leça, 4 — SCE, 8



HOQUEI EM PATINS

TORNEIO DE ABERTURA (Juvenis)

AAE, 7 — Valadares, 2.
 Ao intervalo: 3-0.
 AAE: Guedes, Vasco 1, Cardeiros 1, Nelito 1, e Arsénio 4; (Salvador).

TORNEIO DE ABERTURA (Júniores)

AAE, 17 — Valadares, 2.

Académica - Oliveirense na 1.ª Jornada do Nacional

Com início em 19 de Fevereiro, o Campeonato Nacional da I Divisão, englobará na habitual Zona



ATLETISMO

Norte a Associação Académica de Espinho, que irá na jornada inaugural defrontar a renhida e dura equipa de Oliveira de Azeméis.

Todos os jogos irão principiar às 22 horas, sendo o preço oficial dos bilhetes de 30\$00, isto evidentemente para os não-sócios, pois esses beneficiarão das habituais reduções.

FIDALGO, FOI OPERADO

O jovem guarda-redes Académista, Fidalgo, foi operado recentemente pelo Dr. José Carlos Leitão, presidente do Clube. Ainda não retomou os treinos, sendo provável, que o mesmo esteja em condições de dar o seu concurso à equipa, no início do Nacional.

VICTOR HUGO,

brilhou nos treinos da Selecção

Eleito o «maior», atleta espinhense em 1978, o juvenil da A. A. Espinho Victor Hugo, pôde confirmar logo no primeiro treino da Selecção Nacional de Júniores, a personalidade, a arte de bem jogar, e as qualidades de goleador nato. Com efeito o jovem hoquista nas 3 partes que constituíram o puxado treino de preparação das seleções juniores e seniores, maravilhou e impressionou, todos quantos assistiram ao referido treino, orientado pelos técnicos nacionais Júlio Rendeiro e Luís Barata, que se mostraram bastante satisfeitos com os resultados desta 1.ª sessão.

O facto mais saliente para nós desportistas espinhenses, foi o de Victor Hugo ter marcado nada menos que cinco golos, que sem dúvida reflecte a categoria do «fora-de-série» espinhense, ainda apenas com 15 anos de idade!

A próxima sessão realiza-se novamente na próxima quarta-feira, e a ela irão mostrar as suas qualidades, outros jogadores escolhidos para o efeito.



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

AINDA O PEDIDO DE PUBLICAÇÃO

Do Sr. Carlos Sárria recebemos novamente um outro «pedido de publicação», acerca da notícia inserida no último jornal «D. E.» — Desporto, segundo pedido esse, que consideramos fruto de um espírito altamente perturbado, com palavras menos decentes dum jornalista que se diz de tão elevada craveira e colaborador de 3 jornais nacionais.

Além do mais, o ex-colaborador deste jornal Sr. Sárria, deixou bem vincado o seu fulgor e preclaro jornalismo, quando abandonou o jornal «Defesa de Espinho», abandono que já se cifra EM CERCA DE MEIA DÚZIA DE VEZES, e num espaço de 10 ANOS compreendidos entre 1968 e 1978,

e com citações do género, que jamais colaboraria na «D. E.», permanente ou eventualmente.

Para não manchar a sua tão elevada «categoria» jornalística, não damos a conhecer tão infeliz «prosa», que daria para encher uma página, o que, esperamos, mereça a melhor compreensão do referido senhor.

Para terminar, e para seu completo sossego, pois o que muito o tem preocupado são os anonimatos das colaborações desportivas, assinamos-nos

Com elevada estima e compreensão:

Paulo Malheiro,
 Tibério Coelho,
 Jorge Pereira,
 António Canelas.



DESPORTO

Entrevista com Malheiro

Continuação da pág. anterior

tante tarde a prática do futebol (na época de 77/78 com 17 anos). Desportivamente tinha sido voleibolista nos juvenis do Esmoriz.

D. E. — Qual a tua reacção, quando soubeste da tua chamada aos treinos da Selecção?

M. — Naturalmente fiquei bastante admirado, e, só depois de me ter convencido de que fiquei muito orgulhoso. Logo na minha ida aos treinos de observação procurei dar «o meu máximo», o que produziu os seus efeitos, pois mais tarde seria convocado para o lote dos 16 Seleccionados.

D. E. — Então, o que se passou nesses dois jogos?

M. — No primeiro alinharam os quatro mais novos, sendo eu um deles; joguei a avançado-centro (1.ª meia-parte) e aos 15 m. levei um toque, que me viria a prejudicar o meu melhor rendimento, que mais tarde originou a minha substituição; neste encontro perdemos 3-0.

No segundo jogo já contava alinhar no «banco», pois o meu substituto, o Marinho do Benfica é bom jogador e está calejado em jogos internacionais; pensei que o nosso treinador da selecção, me fizesse entrar a jogar com mais antecedência, mas o desafio estava a desenrolar-se bem para os juniores portugueses, e não havia necessidade de mexidas na equipa. No entanto, estando o Marinho já bastante desgastado, e estando porventura o resultado de 1-0 a nosso favor já assegurado, o técnico ordenou-me que entrasse a 2 m. do final.

D. E. — Deixando a selecção e falando da actual equipa de juniores do SCE...

M. — Esta nossa equipa forma um conjunto muito unido, graças ao técnico, sendo bastante disciplinada, e praticando um futebol não tanto em força, mas mais em sentido técnico; estamos no 1.º lugar, pois existindo certos grupos muito fracos, também há equipas com muito valor. Para tudo isso temos-nos valido da nossa humildade e dado todo o esforço, que mais tarde têm saído recompensados nos resultados e logicamente em sermos guias de série.

D. E. — Com respeito ao apoio dos adeptos e simpatizantes do Clube, que se tem passado?

M. — Na maioria toda a massa associativa tem correspondido muito no apoio moral, já que no apoio económico também não se esqueceram de nós, e temos sido correspondidos com várias ajudas de directores e grandes amigos do SCE, que nos têm «socorrido» muito e principalmente nas nossas longas deslocações.

D. E. — Que será para ti Malheiro, a carreira da equipa até ao fim da época?

M. — Nós já estamos apurados para a Fase Final do Nacional, onde iremos encontrar os «grandes» do futebol português, casos do F. C. do Porto, do Sporting ou do Benfica, do Académico de Coimbra ou do Alverca, e claro nós o Sporting de Espinho, que já é um Clube com uma certa projecção. Na Fase Final iremos jogar a nossa cartada contra os «maiores», mas não partiremos derrotados, pois a nossa equipa tem demonstrado que tem valor para os seus adversários, e poderá acontecer qualquer surpresa!

D. E. — Já pensaste no teu futuro como futebolístico no SCE, ou mesmo noutra clube?

M. — Em princípio acabando esta época, ascenderei à categoria de sénior e deverei iniciar a preparação com os «profissionais»; depois tudo dependerá das qualidades que eu evidenciar ao longo desses treinos, pois logo verei quais as minhas possibilidades de arranjar lugar no «plantel»; caso contrário terei de tentar outras equipas que porventura se venham a interessar pela minha pessoa.

D. E. — E para finalizar, Malheiro?

M. — Só pretendo para terminar, deixar umas palavras acerca do meu treinador, palavras essas, que são de admiração por ele, pois tem-me ajudado imenso; o Sr. João Félix tem qualidades que fazem dele um grande técnico, tanto no campo desportivo, como na formação de futuros homens, pois ele próprio nos tem dito, a mim e aos meus colegas, que não é apenas um simples treinador, mas mais do que isso, um amigo para todos, que se valendo da sua experiência, no-la transmite para nosa melhor orientação.

Policlínica de ESPINHO

Rua 14 n.º 437 — Telef. 923398
Junto às camionetas Porto — Espinho)

A PARTIR DE 1 DE FEVEREIRO DO CORRENTE ANO SERÁ ASSEGURADA; POR UMA EQUIPA MÉDICA DESTA POLICLÍNICA, AS URGÊNCIAS NA MESMA OU EM VISITA DOMICILIÁRIA. TAMBÉM A PARTIR DESTA DATA TERÃO INÍCIO OS SERVIÇOS DE MEDICINA FÍSICA E DE REABILITAÇÃO.

ELECTRO VISÃO

Já está em Espinho

Toda a gama de:

Electrodomésticos, Discoteca, Candeeiros

Visite a **Electro-Visão**

Centro Comercial Praia-Golfe — ESPINHO — tel. 922 643

(Aberto todos os dias até às 24 horas)

O seu televisor usado, mesmo avariado vale, 2.800\$00 (CONSULTE-NÓS)

ATLETISMO

(Continuação da pág. anterior)

PROVA MASCULINA — 10.000 metros.

- 1.º — Franz Zimmerman, — R. F. Alemã
- 2.º — Fernando Mamede — Sporting
- 5.º — José Sena — F. C. Porto
- 6.º — Aniceto Simões — Sporting
- 9.º — Carlos Lopes — Sporting
- 51.º — MANUEL SILVA — SCE



CORTA-MATO de PREPARAÇÃO

Com a participação de atletas do SCE, disputou-se um corta-mato de preparação, e ao mesmo tempo de observação dos juvenis, que irão fazer parte da Selecção do Porto.

Assim Arlindo Cabral, juvenil do SCE, foi 4.º classificado, chegando muito perto dos seus adversários, e mantendo uma regularidade que o leva a ser considerado como um dos melhores juvenis portugueses (APA).

Entretanto outra atleta feminina parece começar a dar nas vistas. Trata-se da juvenil Conceição Pais, que se classificaria em 3.º lugar, não esquecendo que a mesma «miúda» já tinha alcançado um excelente 7.º lugar no G. P. de Natal da nossa cidade.



VOLEIBOL

NACIONAL DE SÉNIORES (NORTE)

Sp. Espinho :

- 5 jogos — 5 derrotas
- Último lugar na tabela classificativa

Surpreendentemente, os «Tigres» da Costa Verde, perderam os cinco primeiros jogos do Nacional, estando na iminência de terminarem a 1.ª volta (falta apenas os jogos com o Madalena e Esmoriz, neste fim de semana) com tantos jogos como derrotas. Quem conhece esta equipa espinhense, certamente se interrogará sobre o que se passa, no seio da turma do Prof. Fernando Luís? Na verdade, se os desaires com o Porto e Leixões, eram esperados, o mesmo não se poderia dizer, com os sofridos perente o CDUP, N. Álvares e S. Mamede e, dizemos poderia, porque neste momento, os Espinhenses, parecem estar a perder o comboio e dificilmente ficarão apurados para a fase seguinte. Entretanto, nas restantes categorias, é de salientar a carreira das «miúdas» seniores do SCE, que lá vão somando pontos e estão no topo da tabela da 2.ª Divisão. Também merecem referência especial, os juvenis da AAE e, os iniciados do SCE. Ainda quanto a seniores (masc.), de realçar a vitória da AAE, perante a Oliveirense, que comandava a série, no Nacional. De resto, esperemos o que nos reserva este fim de semana, nos variados jogos, principalmente, os da equipa sénior do SCE.

farmácias

TURNO — D

- Sexta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Sábado — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
Domingo — Farmácia Palva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Segunda-feira — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Terça-feira — Grande Farmácia — rua 82 n.º 457 — Telef. 920082
Quarta-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
Quinta-feira — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

PODE SER ÚTIL

espectáculos

CINE TEATRO S. PEDRO

- Dia 26, Sexta-feira, às 21,30 horas — AS DESCARADAS — com Robert Icart, Odette Berrnyer e Maria Lourat. — Intedito a menores de 18 anos.
- Dia 27, Sábado, às 15,30 e 21,30 horas — GUERREIROS DO INFERNO — com Nick Noite, Tuesday Weld e Michael Moriarty. — Não aconselhável a menores de 18 anos.
- Dia 28, Domingo, às 15,30 e 21,30 horas — TERNAS ALGEMAS — com Annie Girardot e Philippe Noiret. — Não aconselhável a menores de 13 anos.
- Dia 30, Terça-feira, às 21,30 horas — A VINGANÇA DUM FILHO — com Feroz Khan, Parveen Baby, Prem Chopra e Farida Javal. — Não aconselhável a menores de 13 anos.

EM ESPINHO



Onde a terra acaba e o mar começa fica a

CABANA

Restaurante — Snack — Discoteca

PRAIA DA SECA — TELEFONES, 921322 e 921966
APARTADO 143 — ESPINHO

SALÃO DE FESTAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES

Reservado aos domingos e feriados para convívio dançante da juventude!
Encerrado às terças-feiras para descanso do pessoal excepto nos meses de Julho e Agosto.

Precisa-se

Vendedor à comissão. Móveis e madeiras.

Resposta ao Apartado 25 — 4521 FEIRA CODEX ou pelos

Telefones 97246 ou 97274 — Vila da Feira.

Sebastião Ferreira do Couto

3.º ANIVERSÁRIO

Sufragando a alma do saudoso marido e pai, sua esposa e filhos mandam celebrar uma Missa no próximo dia 1, às 19 horas, na Igreja Matriz, agradecendo desde já às pessoas amigas que compareçam a este piedoso acto.



Mário Alves dos Santos Rocha

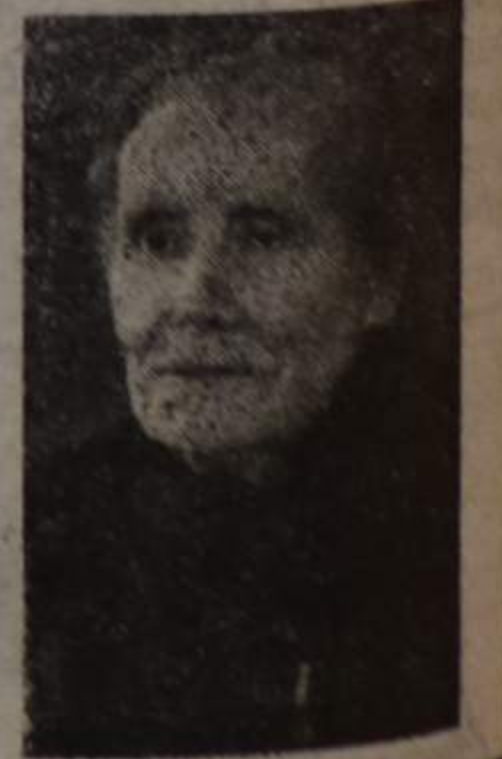
AGRADECIMENTO

Sua Esposa, Cunhados e Sobrinhos vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que compareceram ao seu funeral assim como à Missa do 7.º Dia, ou de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

D. Francelina Leal de Pinho

AGRADECIMENTO

Seus Filhos, Nora, Genros, Netos e mais Família, muito sensibilizados e reconhecidos, vêm agradecer por este ÚNICO MEIO a todas as pessoas que de qualquer modo os acompanharam neste doloroso transe, pedindo desculpa por qualquer falta involuntária que hajam cometido.



Registo Bibliográfico

NAMORA, Fernando: — «Marketing: 180 págs. Col. Obras de F. N. Livraria Bertrand, 1978.

É a quarta edição de um livro de poemas saídos pela primeira vez há dez anos e que foi, desde logo, saudado pela crítica portuguesa e brasileira.

Constituído pelas suas melhores composições, este livro traduz a sua vivência na luta contra as mazelas e injustiças do mundo de hoje.

Livro que quis e quer ser um libelo de acusação à sociedade anquilosada que oprime o homem e o reduz a uma simples máquina produtora e reprodutora.

Há nestes poemas, vida, experiência, lucidez, imaginação, sensibilidade, vigor, uma força incomensurável para compreender os meandros sufocantes do espírito e do corpo do homem do nosso tempo.

★

SOUSA MONTEIRO, João: — «Tira a Mãe da Boca». 275 págs. Assírio e Alvim, Lisboa, 1978.

Trata-se de um conjunto de textos que serviu de base para o programa O Homem no Tempo que a Rádio Difusão Portuguesa transmitiu regularmente, duas vezes por semana, através do seu Canal 4, desde o dia 18 de Maio de 1976.

Programa com grande audiência, motivou agora a publicação dos mesmos em livro que vem a satisfazer assim muitos dos ouvintes interessados. Textos curiosos e surpreendentes, mostram até que ponto o homem de hoje é ainda o mesmo ao das épocas pré-históricas, nos seus sentimentos, no seu modo de pensar e de agir.

★

VASTO, Lanza del — «Não-violência e Civilização 190 págs. Trad.

Helena Santos. Edições Brotéria, Lisboa, 1978.

É uma antologia de textos do poeta, músico, pintor, filósofo e religioso que é o Lanza del Vasto.

Procurando a verdade, neste mundo de atribuições e de injustiças, Lanza del Vasto, peregrinou pela Terra Santa, Egipto, Síria, Líbano, o Himalaia e Índia. Aqui relacionou-se com o grande pacifista o Mahatma Gandhi com quem aprendeu o princípio da Unidade de vida, base da não-violência.

Autor de perto de 40 livros com meditações, comentários de Génesis e do Evangelho, relatos de acções não-violentas, e das suas peregrinações, del Vasto é o pregador de justiça e da não-violência no mundo de hoje.

Textos para ler e meditar.

★

LACAN, Jacques: — «A Família». 106 págs. Trad. Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula Santos, Graça Lamas, Graça Lapa. Col. Pelas Bandas da Psicanálise, Assírio e Alvim, Lisboa, 1978.

Para inaugurar a nova colecção «Pelos Bandas da Psicanálise», um grupo de estudos freudianos acaba de publicar, com a chancela da Assírio e Alvim, o livro de Jacques Lacan — «A Família».

Trata-se de um dos primeiros textos de Lacan que nos mostra já as preocupações do autor pelos problemas da Psicanálise, sobretudo na compreensão «das comunidades humanas».

Texto importante para o debate e compreensão das noções de família e cultura, é também uma explicação de alguns fenómenos de realçoes sociais, em que o papel do dinheiro é causa fundamental para o estudo do comportamento do indivíduo na sociedade.

O Movimento Operário e Rural de Évora

Do Republicanismo ao Anarquismo

(Continuação da pág. 8)

jornais republicanos dão notícias mais detalhadas de alguns casos. Por exemplo, a *Voz Pública* refere-se a prisões realizadas em Machete, em Abril de 1910, por ter havido uma assuada a um padre. Os presos eram um ferreiro, um abegão e outro sem profissão indicada (6). Os crimes contra a ordem e tranquilidade pública do tipo de desobediência e injúrias à autoridade também nos fornecem alguns dados indicativos, embora o seu significado não fosse exclusivamente social e político, mas abrangesse «faits-divers» sem importância. A prova que é assim encontra-se no contínuo urescimento deste tipo de crimes para o conjunto do Alentejo para além da implantação da república: em 1908, eram 5,2 por cento, dos crimes classificados nesta rubrica para o conjunto do País; em 1909, 6,7 por cento; em 1910, 7 por cento em 1911, 11 por cento; em 1912, 17 por cento (7).

Para além deste tipo de intervenção, dos conselhos paternalistas para a associação em organizações mutualistas e depois de um auxílio (com segundas intenções) à organização sindical, os republicanos dificilmente concebiam qualquer outra acção para os trabalhadores rurais. Há que ter em conta que, apesar das suas veleidades «sociológicas», os intelectuais republicanos da região participavam das concepções ideológicas dominantes na época quanto aos trabalhadores rurais e que a Imprensa da época, republicana e monárquica, tão bem retrata. Eles viam os trabalhadores rurais como uma massa informe, «sem instrução», primitiva, ao mesmo tempo bruta e ingénua, facilmente dominada pelo cacique e pelo padre, primeiro, e depois pelo agitador. Para eles, o trabalhador rural era sucessivamente tratado quer como um animal dócil, «criatura acífica» (8), animal de trabalho, como é óbvio, do tipo do boi, ou com uma criança, ingénua, cujos actos eram muitas vezes irreflectidos mas a quem tudo se devia e podia desculpar, dado que, se às vezes não fazia o que devia, isso era culpa de quem não lhe tinha dado a instrução e o saber, ou seja, da monarquia, dos jesuítas, dos caciques. O trabalhador rural vivia, diziam, num estado quase selvagem, com necessidades mínimas, animais, de sobrevivência, e logicamente não pedia mais, até porque não necessitava. Tinha, diziam, uma «conformação» estóica para uma vida inteira de constantes privações (9). Para os republicanos, «viviam de muito pouco», «desejado quase nada», «alheios ao turbilhão de ideias que agitam o mundo», como escrevia Brito Camacho (10). Numa linguagem em tudo idêntica, todos os escrevinheiros dos jornais que consultamos, desde os monárquicos

aos «avançados», o trabalhador rural era um verdadeiro desconhecido que vivia num tempo à margem da sociedade e que até antes de 1911 não tinha nome preciso: era o «criado da lavoura», o «horticultor», o «gannão». Era lógico que, quando o surto grevista de 1910-11 se aproximou do Alentejo e os rurais se levantaram em peso, eles hesitassem em saber se essas estranhas personagens da luta de classes deveriam ser consideradas operários e trabalhadores como os demais.

Esta posição traduzia não só a perplexidade geral (que não se limitou aos republicanos), perante o aparecimento das greves rurais, mas também o modo como entendiam as greves. Para os republicanos e conforme as suas concepções ideológicas as greves eram um misto de «fatalidade histórica da luta de classes» que não se devia ignorar mas «equilibrar» com «bom senso», e de «doença» do corpo social (11). Como «fatalidade histórica» tinha-se de reconhecer que havia razões fundadas para os trabalhadores rurais lutarem de um modo geral, todos concordavam mais ou menos que a sua situação era miserável e, se pudessem viver um pouco melhor, isso lhes deveria ser concedido. Mas alto aí, tudo o que ultrapassava este limite tinha de ser visto como resultado da conjugação da «ignorância», «rudeza», falta de instrução dos rurais, com a acção subversiva de meia dúzia de «meneurs» que os transviavam. Alguns doutos artigos e conferências, escritos e proferidos por esta altura, revelam estas concepções. Evaristo Cutileiro pronunciou uma conferência que, como se estivesse tratando de um caso de saúde pública, intitulou de «Greves, suas essenciais e suas causas determinantes. Seu tratamento racional e preventivo» (12). Um capitão republicano numa conferência do Centro «Liberdade», dizia que como os rurais na sua maioria não sabem ler e, «os que sabem mal compreendem o que lêem (o que muito pior é), vão desvirtuar, pelos seus falsos ensinamentos, as ideias das camaradas analfabetas, desorientando-lhes os cérebros rudes e envenenando-lhes os corações de ódio às classes muito favoreci-

das» (13). Se mal liam português, muito menos sabiam outras línguas e, como a «quase totalidade dos operários estão alheios ao movimento social europeu», «os propagandistas que entre nós derramam um ideal avançado», «não conhecem bem», até porque, não «sabendo francês», fazem confusão com aquilo que lêem (14). Entregues a este propagandista ignorante, semi-analfabetos e não sabendo francês, o resultado é que estes «elementos perturbadores», «fugindo ao azorrague da opinião pública», «se dirigem por esses campos fora», «explorando com os seus instintos malévolos o espírito ingénua e a índole bondosa e afectiva dessa encantadora gente do campo» (15). Daqui afirmar-se que estes agitadores «deveriam ser caçados como feras perigosas», ia só um passo (16). Sem tirar nem pôr, era assim que os republicanos viam as greves, e em particular as greves rurais. Não surpreende que, uma vez as coisas aquecendo, os trabalhadores rurais respondessem com o seu desprezo a esta pretensão erudição sobre a sua ignorância e rudeza e fossem pouco a pouco deixando os doutores e os carbonários e se voltassem para o jovem movimento sindical nascente, para os «rapazes» das herdades, seus companheiros, para os propagandistas sindicais que no interior do campo poferiam discursos inflamados contra toda a autoridade, contra o estado, contra a «porca da política».

Entravam em cena, no Alentejo, o sindicalismo revolucionário, o anarco-sindicalismo, em suma o anarquismo.

- (1) V. P. V., obra citada, p. 1. 191-234.
- (2) V. P. V., obra citada, p. 191-234.
- (3) José Relvas, Memórias Políticas I, Lisboa 1977, p. 48. 51.
- (4) J. Relvas, obra citada, p. 56.
- (5) Anuário Estatístico de Portugal, 1910 a 1914, vol. II, fasc. 1, 1917.
- (6) V. P. 288 3-4-1910.
- (7) Anuário, idem.
- (8) M. 1043, 2-7-1911.
- (9) E. R. 75, 24-11-1910.
- (10) M. 1043, 2-7-1911.
- (11) V. P. 367, 8-1-1911 419, 13-7-1911.
- (12) V. P. 419, 13-7-1911.
- (13) V. P. 404-406, 18 a 25-5-1911.
- (14) Rotunda, 24, 20-8-1911.
- (15) V. P. 456, 23-11-1911.
- (16) P. R. 64, 9-7-1911.

Miguel Torga

(Continuação da página 8)

criador como Miguel Torga — a um tempo tão português e tão universal, tão raizadamente identificado com o destino da própria Pátria e tão exponencialmente representativo dos mais altos valores humanos que a integram no Mundo — não necessita de «nomenclaturas» de nenhuma espécie: e antes a Nação, no seu conjunto, e através de cada um dos indivíduos que a compoem, que necessita — eu, sim — de afirmar-me como se reconhece na sua obra e como, por esse facto, se lhe encontra reconhecida.

TERCEIRO TÓPICO — É justamente assim que, de modo fundamental, ha-de interpretar-se a recente, justa e oportuna decisão do Conselho de Ministros, a que a Secretaria de Estado da Cultura se orgulha de estar dando cumprimento, no sentido de publicamente, de nacionalmente se recordarem, por diversas formas, os cinquenta anos de vida literária deste exemplar criador que, não há muito, a si mesmo se referiu como «solista autónomo da orquestra autónoma do povo» e cujo «pacto» vocacional, conforme também sublinhou, não foi assinado «como o azar das circunstâncias», mas sim (sua igualmente palavras suas) «com a terra portuguesa e com a língua portuguesa».

QUARTO TÓPICO — Em tal perspectiva, ao Governo compete apenas dar ampla difusão desse mesmo «pacto», saudar a beleza e a grandeza com que Miguel Torga o tem assumido e evitar, por todos os meios ao seu alcance, que tal «pacto» seja escamoteado ou asfiriado como durante muitos anos oficialmente aconteceu, ou sequer inflectido seja em que direcção for, como, em outras circunstâncias, se terá porventura tentado fazer. Assim, é a título sobretudo individual, como testemunhas ou participantes do referido «pacto», que se encontram aqui presentes os cidadãos aqui presentes, todos irmanados na admiração que lhes merecem a obra e a figura de Miguel Torga.

QUINTO E ÚLTIMO TÓPICO — Em tal perspectiva, ainda, se procurou realizar o que já se realizou e se procura levar a cabo o que falta realizar. Através da iniciativa da Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário, posta em marcha há pouco mais de dez dias no sentido de se chamar a atenção das crianças e dos adolescentes sobre a obra de Miguel Torga, já se tratou de assim ir dando conhecimento desse «pacto» a todos aqueles que amanhã lhe garantirão a continuidade.

David Mourão-Ferreira

ESCAPARATE

Livraria Bertrand — Publicaram os seguintes livros: «Ontem Era a Madrugada», de Ascensão de Freitas; «Mudanças» de Virgílio Ferreira; «Clã dos Centauros», de Claude Anclair «O 28 de Maio e o Fim do Liberalismo», de José António Saraiva e Júlio Henriques; «Marketing», de Fernando Namora; e os livros infantis: «Estorinhas de Walt Disney» e «Guide to 1979 World Cars».

Publicações Europa - América

— Integrada na sua colecção de livros de bolso, vai esta editora lançar uma nova série de ficção científica.

A nova colecção estreia-se com o primeiro volume da saga «Batalha no Espaço», de Glen A. Larson e Robert Thurston, que leva como subtítulo «Estrela-de-Batalha».

A ele se seguirão «A Arma» e o «Guerreiro Cylon».

ENCONTRO

N.º 33

Janeiro /79

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de F. AZEVEDO BRANDÃO

Miguel Torga: 50 anos ao serviço da Literatura Portuguesa

Miguel Torga foi homenageado, há pouco, numa sessão realizada na Fundação Gulbenkian, por resolução do Conselho de Ministros e levada a cabo pela Secretaria de Estado da Cultura.

O autor do «Diário» e dos «Contos da Montanha» viu assim ser reconhecida a sua obra pelas mais altas individualidades deste país, incluindo o Presidente da República.

Das intervenções de circunstância, em que a vida e a obra do homenageado foi enaltecida, apresentamos, em seguida, as palavras do Secretário de Estado da Cultura, Dr. David Mourão Ferreira, que também é um dos mais significativos escritores que conta a nossa literatura contemporânea.

AS RAZÕES DUMA HOMENAGEM

Reduzir-se-á rigorosamente ao mínimo indispensável o que, da minha parte, aqui será apenas uma preambular intervenção. Na impossibilidade de condensar em meia dúzia de palavras (como efectivamente o desjaria) a razão de ser, o significado e o objectivo desta reunião em torno de Miguel Torga, tentarei limitar-me a resumir em menos ainda que meia dúzia de tópicos.

PRIMEIRO TÓPICO — O que verdadeiramente aqui nos reúne, com a maior importância, é a projecção verdadeiramente nacional que a este acto é conferida nada pode nem deve ter a ver com o quer que seja de formal ou de solene que habitualmente se associa à desacreditada palavra «homenagem».

SEGUNDO TÓPICO — Reconduzindo mesmo a palavra «homenagem» à sua etimológica plenitude, cumpre logo lembrar que um

(Continua na pág. 7)

Cartas de Manuel Laranjeira a Manuel Luiz de Almeida

DÉCIMA SEXTA CARTA

Meu amigo:

Que hei-de eu dizer-lhe? Que saio dum abismo de torturas. Como Mitridates aos venenos habituei-me a droga que vai sendo mais compassiva comigo. Contudo para torturar-me ainda me ficam uma data de cadernos de papel a escrever, pois que tenho de apresentar relatórios monstros para o meu acto de Clínica Cirúrgica. Um horror, meu amigo!

Mas só agora reparo que estou falando de mim sem me lembrar que você está aí vitimado por essas impertinências diabólicas. A falta de cartas suas diz-me que você deve ir mal. Oxalá que eu me engane.

E diz-me você que o vão aprisionar num sanatório da serra. Não seria bem mais prudente e de mais futuosos resultados deixarem-no em casa, no seio da família? Creio que sim.

Dê-me parte de tudo isso, se lhe for possível, sim?

Creia que estou ansioso por sabê-lo. Já agora os amigos que me restam vão-me rareando de tal modo, que eu vejo às vezes surgir ante mim um futuro tenebroso, em que me verei só em face da vida, isolado de afectos. Meu amigo, nesse dia serei um homem extraordinariamente bom ou extraordinariamente mau. Sinto que no momento em que me visse só, só, em face da corrupção da existência e dos homens a minha vontade adquiriria uma tal tensão que para o lado que me inclinasse, pesaria como uma montanha sem nome.

Nesse dia eu seria um homem unicamente cerebral. E um homem sem afectos, unicamente vivendo a vida mental, não é um homem, é um monstro. Nietzsche chama-lhe um Sobrehomem. Seja, Há quem diga que a vida sem o aparecimento dos Sobrehomens, seria apenas uma ininterrupção das coisas mesquinhas sem significação. Seja ainda. Mas a mim apavora-me uma tal perspectiva.

Mande o seu
afectuoso amigo
Manuel Laranjeira

NOTA: Esta carta não tem data mas o envelope que a envolvia regista a data do correio, de 10 de Julho de 1904.

Do Republicanismo ao Anarquismo

Por JOSÉ PACHECO PEREIRA

Afloram anteriormente algumas das pistas que nos permitem explicar não só as relações entre os republicanos e o movimento operário e rural mas também a própria evolução do movimento sindical para a hegemonia ideológica do anarquismo nas suas variantes sindicalistas revolucionárias e anarco-sindicalistas. Este processo de mutação ideológica é mais complexo do que parece à primeira vista e não se deve nem a uma mera reacção política antioperária da república, nem apenas à acção propagandística dos círculos anarquistas. Na realidade, estamos perante um processo no qual se fundem três factores principais interligados: a crise institucional do regime parlamentar e democrático burguês, um movimento social espontâneo que se traduz num surto grevista, e a adequação de uma ideologia política (o anarquismo) às características desse movimento social. O caso das lutas dos trabalhadores rurais ilustra com maior exactidão este processo do que qualquer outra luta e movimento operário ocorrido na época em Portugal. E isso por duas razões principais: porque eles eram uma «página em branco», que irrompe na luta como classe nesse período-chave de 1910-12, e porque as características sociais dos movimentos rurais estão associados com os princípios fundadores do anarquismo. Não nos cabe agora analisar mais em pormenor as características próprias do movimento dos trabalhadores rurais enquanto movimento social específico. Agora, trata-se de precisar, neste processo de mutações ideológicas e políticas as relações, igualmente complexas, entre o republicanismo e o anarquismo.

Como vimos, no período da propaganda o republicanismo era dominante enquanto ideologia política no seio dos sectores mais activos da classe operária de Évora. Tal facto não é de estranhar: aos republicanos interessava despertar a consciência reivindicativa dos operários em geral e dos rurais em particular para criar dificuldades ao regime que combatiam; os mais conscientes dos operários e rurais que se juntaram aos republicanos em nada viam limitada a defesa dos seus interesses específicos de classe e viam na luta do P. R. P. e da Carbonária um modo de abalar a força dos lavradores e das autoridades em geral que oprimiam os seus irmãos de classe. No plano prático, os seus interesses convergiam e por isso era natural que alguns operários e rurais se aliassem aos telegrafistas, pequenos empregados do comércio, pequenos funcionários públicos, sargentos e praças revolucionários, sob a direcção de alguns doutores, para abaterem a prepotência dos latifundiários, muitos deles titulares e membros dos partidos rotativistas. No entanto, só uma análise, grosso modo, se pode bastar por esta constatação. De facto, há que salientar que, num plano ideológico mais profundo, há factores contraditórios nesta conjugação de interesses, que se podem explicar através das relações próprias entre o republicanismo e o anarquismo, aquilo que foi a consciência passada e a consciência futura dos militantes dos anos de 1908 a 1912 e aquilo que foi a acção dos republicanos antes e depois de tomarem o Poder.

A relação entre a ideologia republicana e o anarquismo é muito ambígua. Aproximam-se pelo ódio à tirania e à monarquia absoluta, pelo «sociologismo» positivista, que dá corpo aquilo que ambos pensavam ser o fundamento «científico» das doutrinas políticas, ou seja, a adequação dessas doutrinas à organização natural da sociedade. Fim do reino do arbítrio e da irrazão, dominado pelas instituições ilegítimas, fanáticas e obscurantistas da monarquia e do clero, o «corpo social» reencontrava as suas bases na natureza das coisas, o homem assenhoreava-se de si mesmo e do seu destino. Esta concepção tivera origem nos pensadores da Revolução Francesa, fora teorizada, entre outros, por Hegel, e era dominante no século XIX. Republicanos e anarquistas foram bebê-las à mesma fonte: a tradição revolucionária francesa. Por isso mesmo, muitas das suas posições éticas e sociais eram semelhantes: combatiam o obscurantismo e lutavam pela «instrução», combatiam o alcoolismo e defendiam o antitabagismo, o naturismo, a ginástica sueca, o vegetarianismo, etc. Os anarquistas foram defensores exacerbados destes «ismos», mas os republicanos, embora menos entusiastas, defendiam também que estas «doenças» deviam ser extirpadas do «corpo social». O combate à monarquia e ao clericalismo era outro elo de ligação. Uns e outros uniam-se contra os Braganças e os jesuítas e os métodos violentos do anarquismo terrorista não diferiam muito de alguns planos da Carbonária. Também por aqui havia pontos de vista semelhantes. Mas as diferenças começavam na questão do Estado, do regime, do Parlamento e quanto aos meios de resolver a «questão social».

Os republicanos, em particular os radicais jacobinos, privilegiavam a acção política no terreno partidário, parlamentar e governativo, e tendiam para a criação de um regime político de ditadura revolucionária que combatesse os monárquicos, corresse com os jesuítas e os padres em geral e esmagasse os sindicalistas e os anarquistas. A exemplo de Robespierre, aceitavam a necessidade do terror de estado contra os inimigos da razão e os fomentadores da desordem. Desprezavam por isso mesmo o movimento operário organizado, quando este escapava ao seu controlo ou ao do socialismo reformista, espécie de aliado natural. Aquilo que caracterizava o monarquismo constitucional e mesmo o republicanismo moderado, à António José de Almeida, e que era um liberalismo genuíno, era-lhe estranho (!). Aceitavam como necessário a supressão das liberdades em defesa da «liberdade» e por isso mesmo eram pouco propensos a considerar os direitos políticos de quem se lhes opunha, actuando em consequência. Em Portugal, o grupo de Afonso Costa, primeiro a ala radical do P. R. P.

depois o Partido Democrático através do uso deliberado da violência «popular», dos batalhões de voluntários, das policias civicas, da «formiga branca» representou bem este tipo de acção jacobina (2). Não é de estranhar que tenham tido como inimigos intransigentes não só a reacção monárquica e clerical mas também o movimento operário organizado.

Nos últimos anos da monarquia, a atitude dos republicanos em relação ao movimento operário nascente tinha portanto um lado «ilusório»: ao mesmo tempo que incentivavam a sua organização de classe, faziam-no para engrossar o caudal das dificuldades da monarquia do que para apoiar a formação de um sólido movimento sindical, que sabiam perfeitamente ter de combater uma vez instalados no Poder. Mesmo quando durante o ano de 1911 e quando as lutas dos rurais já se faziam após a implantação da República, a linguagem «ilusória» que retoma a Carbonária e a Voz Pública é mais para combate aos moderados almeidistas e aos «adesivos» do que para traduzir uma apreciação «real» da posição dos rurais. De facto, uma coisa era a apreciação dos rurais enquanto classe, outra, a sua apreciação enquanto «massa de manobra» para os republicanos; uma coisa era a apreciação das alianças contra os padres e os latifundiários e caciques monárquicos, outra a das greves reivindicativas. Se voltarmos aos anos de propaganda, vemos bem estas diferenças. Enquanto «massa de manobra», os rurais eram um exército que se poderia utilizar a seu bel-prazer contra a monarquia, como os caciques monárquicos, aliás, faziam em sentido contrário. Não queria José Relvas, que era grande lavrador e proprietário rural em Alpiarça, utilizar os trabalhadores rurais para invadir Lisboa, ainda por cima para apoiarem as posições dos lavradores contra João Franco (3)? E não queria um amigo de Relvas formar «um regimento de cavaleiros constituído por campinos do Ribatejo» (4)? Na realidade, como os trabalhadores rurais não votavam na sua esmagadora maioria, só podiam ser utilizados para formar exércitos imaginários ou então, mais eficazmente, para provocar distúrbios e ameaças que pouco pouco minassem as bases da autoridade local: os caciques e os padres. É assim que nos últimos anos da monarquia se verificaram nas terras do Alentejo vários crimes contra a religião: quatro no distrito de Beja em 1908; um no mesmo distrito em 1909; dois no distrito de Évora em 1910 representando, respectivamente, 33 por cento, 5 por cento e 10 por cento do total de crimes contra essa classificação no conjunto do País (5). A estatística não é muito significativa, até porque a maioria dos incidentes não passava do âmbito local, mas é

(Continua na pág. 7)

SEMANARIO

Câmara Municipal de Espinho

Rua -19

E S P I N H O

PORTE

PAGO